



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



**MORRIS GLEITZMAN**

• AUTOR MULTIPREMIADO •

# A Seguir

«Hipnotizante  
e  
maravilhoso.»  
*The Guardian*

Para fãs de *O Diário de Anne Frank*  
e *O Rapaz do Pijama às Riscas*.



 *fábula*

*Para todas as crianças que têm de se esconder*

# 1

**A seguir**, corremos para salvar a vida, eu e a Zelda, por uma colina acima, o mais depressa que pudemos.

O que não era assim tão depressa.

Nem sequer comigo a puxar a Zelda pela mão, para a ajudar a vencer a encosta.

Sabem quando nós e mais duas amigas saltamos de um comboio em andamento que está a dirigir-se para um campo de morte nazi e quase ficamos inconscientes, mas conseguimos não ficar, e os nossos óculos nem sequer se partem, mas a nossa amiga Chaya não tem a mesma sorte e a matam? E quando nós temos de a enterrar debaixo de uns arbustos com flores selvagens, o que obriga a fazer muita força, e ficamos quase sem energia para correr e trepar?

Foi o que nos aconteceu, a mim e à Zelda.

— Doem-me as pernas — diz a Zelda.

Coitadinha. Ela só tem 6 anos. Não tem umas pernas muito grandes. E tem calçados uns chinelos de quarto, que não são lá muito bons para percorrer uma colina íngreme coberta de ervas cheias de picos.

Mas não podemos abrandar.

Temos de fugir antes que passe outro comboio nazi com metralhadoras em cima das carruagens.

Olho por cima do ombro.

Ao fundo da colina, os carris do comboio brilham ao sol como os botões nos uniformes dos oficiais nazis.

Olho para a encosta.

Lá em cima há uma floresta compacta. Quando lá chegarmos, ficaremos a salvo. Estaremos escondidos. O próximo comboio nazi não conseguirá ver-nos, desde que a Zelda não lhe grite insultos.

Se conseguirmos lá chegar.

— Anda — digo à Zelda. — Continua. Não podemos parar.

— Não estou a parar — diz ela, indignada. — Não sabes nada?

Sei, sei porque é que a Zelda está zangada. Ela acha que eu tenho sorte. E tenho. Tenho 10 anos. Tenho pernas fortes e botas fortes. Mas eu gostava de ter pernas mais fortes. Se tivesse 12 anos, podia levar a Zelda às cavalitas.

— Au — diz ela, ao escorregar e arranhar um joelho.

Levanto-a suavemente.

— Estás bem? — pergunto.

— Não — responde ela, enquanto nos apressamos de novo. — Esta colina é uma idiota.

Sorrio, mas não por muito tempo.

De repente, ouço o pior som do mundo. O rugido de outro comboio à distância, a aproximar-se.

Olho outra vez para a encosta.

A foresta está demasiado longe. Não vamos chegar lá a tempo. Se os nazis nos virem nesta encosta, seremos alvos fáceis. A minha camisa tem rasgões que se agitam por todo o lado. O vestido da Zelda tem montes de cores, mas não são de camuflagem.

O comboio já está muito perto.

— Deita-te esticada — digo, puxando a Zelda para a erva.

— Disseste que não podíamos parar — diz ela.

— Eu sei — respondo. — Mas agora não podemos mexer-nos.

— Não estou a mexer-me. Vês?

Estamos deitados de barriga para baixo, completamente imóveis, exceto por arquejarmos um pouco. A Zelda está agarrada a mim. O seu rosto quente está colado ao meu. As suas mãos apertam-me o braço. Vejo que uma das suas unhas está a sangrar de termos tapado a Chaya com os arbustos.

Agora, o som do comboio já está muito alto. A qualquer momento, vai chegar à curva por baixo de nós. Quem me dera termos arbustos onde nos escondermos. Perto de nós há uma toca de coelho. Quem me dera que eu e a Zelda fôssemos coelhos. Podíamos esconder-nos lá bem no fundo e comer cenouras.

Mas não, nós somos humanos.

O comboio nazi aparece na curva.

A Zelda aperta-me ainda com mais força.

— Felix — diz ela. — Se dispararem contra nós, espero que morramos juntos ou eu morra junto a ti.

Sinto o mesmo. Aperto a mão dela. Não com muita força, por causa da unha.

Quem me dera viver nos tempos antigos, quando as metralhadoras ainda eram muito primitivas. Quando só acertavam numa montanha, e de perto. Em vez de estarmos em 1942, com metralhadoras supermodernas que conseguem disparar mil balas contra uma criança em fuga do cimo de um comboio em movimento.

Lá em baixo, o comboio nazi matraqueia como se fossem mil metralhadoras.

Ponho o meu braço à volta da Zelda e rezo à Richmal Crompton para que nos mantenha a salvo.

— A Zelda não é judia — digo silenciosamente à Richmal Crompton. — Mas ela também precisa de proteção, porque os nazis às vezes também matam crianças católicas. Especialmente, crianças católicas que são um pouco teimosas e rebeldes.

A Richmal Crompton não é uma santa nem nada, mas é uma ótima escritora de histórias e, nos seus livros, protege o William e a Violet Elizabeth e as outras crianças, mesmo quando elas são extremamente teimosas e rebeldes.

A minha oração resulta.

Não há balas enfiadas nos nossos corpos.

Vejo o comboio a desaparecer, lá em baixo, na curva seguinte. Percebo que é outro comboio para o campo de morte, cheio de judeus. Tem as mesmas carruagens que o nosso comboio tinha, aquelas que parecem grandes caixas de madeira bem fechadas.

No cimo da última carruagem há uma metralhadora, mas os dois soldados nazis sentados ao pé dela estão ocupados a comer.

— Vamos — digo à Zelda, mal o comboio desaparece de vista.

Levantamo-nos. No cimo da colina, a floresta espera por nós, fresca e escura e segura.

Não sei quanto tempo demorará o próximo comboio, por isso temos de andar depressa. Podemos não ter tanta sorte com o próximo. Os soldados nazis da metralhadora poderão não jantar tão cedo.

Agarro na mão da Zelda e começamos a trepar pela colina acima, outra vez.

A Zelda tropeça numa toca de coelho e quase cai. Seguro-a, mas, sem querer, quase lhe arranco o braço do ombro.

— Desculpa — digo-lhe.

— A culpa não é tua — responde ela. — É dos coelhos. Não sabes nada?

Ela larga-me a mão e agarra o ombro, e os olhos enchem-se-lhe de lágrimas.

Eu abraço-a.

Sei que o ombro não é a única razão para ela estar a chorar. É também por causa do que aconteceu aos nossos pais e aos nossos amigos. E porque o exército mais poderoso de toda a história do mundo está a tentar matar-nos.

Se eu começar a pensar nisso tudo, também vou acabar por chorar.

O que não é bom. As pessoas que choram não são muito rápidas a subir colinas. Já vi isso antes.

Tento pensar numa forma de nos animar a ambos.

— No próximo vale, é capaz de haver uma casa — digo.

— Com um cozinheiro muito simpático. Que fez jantar a mais e que está à procura de pessoas que o ajudem a comer os pratos extra do seu delicioso guisado.

— Guisado não — diz a Zelda. — Salsichas.

— Está bem — digo eu. — E ovos cozidos.

— E marmelada. Em pãezinhos.

Está a funcionar. A Zelda parou de chorar. Agora é ela que me puxa pela colina acima.

— E bananas — digo eu.

— O que são bananas? — pergunta a Zelda.

Enquanto subimos, falo-lhe desse fruto exótico sobre o qual li em histórias. É outra das razões pelas quais tenho sorte. Cresci numa livraria. A Zelda não, mas, mesmo assim, tem uma grande imaginação. Quando chegamos ao topo da colina, ela está quase convencida de que o cozinheiro também tem mangas e laranjas para nós.

Mergulhamos na floresta e corremos através da vegetação espessa. Sinto-me mesmo bem aqui, com os arbustos e as plantas e as árvores a abrigarem-nos. Especialmente quando, de repente, ouço um som assustador à distância.

Metralhadoras.

Paramos e ficamos a ouvir.

— Deve ser outro comboio — digo.

Olhamos um para o outro. As metralhadoras continuam sem parar, longe, mas aterrorizadoras à mesma.



Não digo nada sobre pessoas que tentam fugir do comboio, caso estejam a ser mortas a tiro. Há um limite de pessoas mortas a tiro que uma criança pequena como a Zelda pode aguentar.

— Queres descansar? — pergunto-lhe.

O que quero perguntar mesmo é se ela quer esconder-se, mas não o digo, porque não quero que se sinta ainda mais assustada.

— Não — responde, continuando a andar. — Quero o meu jantar.

Sei o que sente. Quanto mais longe da linha do comboio, melhor. Além disso, é quase de noite e não comemos nada o dia todo.

Sigo-a.

Pelo menos, os tiros à distância param.

— A casa é para aquele lado — diz a Zelda, emaranhando-se no meio de umas trepadeiras.

Essa é a parte boa das histórias. Há sempre uma hipótese de se tornarem realidade. A Polónia é um país grande. Tem muitos nazis, mas também tem muitas florestas. E um monte de casas. E ainda algumas salsichas.

— O cozinheiro também tem chocolate? — pergunta a Zelda, ao fim de um bocado.

— Talvez — respondo. — Se pensarmos nisso com muita força.

A Zelda franze muito a testa enquanto avançamos.

Quando chegamos ao outro lado da floresta, eu já estou quase convencido de que o cozinheiro tem chocolate, uma grande tablete dele.

Paramos na periferia das árvores e franzimos os olhos para ver o vale lá em baixo. Os meus óculos estão sujos. Tiro-os e limpo-os na camisa.

A Zelda dá um grito horrível e agarra-me e aponta.

Volto a pôr os óculos e olho para aquilo que ela está a ver.

A Zelda não está a apontar para uma casa distante pertencente a um simpático cozinheiro, porque não há casas nenhuma. Está a apontar para algo muito mais próximo.

Para um enorme buraco na encosta. Uma espécie de cova, com uns montes de terra ao lado, acabados de cavar. Deitadas na cova, misturadas, estão crianças. Muitas. De todas as idades. Umas mais velhas do que eu, outras ainda mais novas do que a Zelda.

— O que estão aqueles miúdos a fazer? — pergunta a Zelda, preocupada.

— Não sei.

Também estou preocupado.

Parecem crianças judias. Sei disso porque todas têm braçadeiras brancas com uma mancha azul que tenho quase a certeza de que é uma estrela judaica.

A tremer, limpo outra vez os óculos.

— Isto não estava na tua história — sussurra a Zelda.

Ela tem razão, não estava.

As crianças não se mexem.

Estão mortas.

Essa é a parte má das histórias. Às vezes não se tornam realidade e às vezes o que acontece na realidade é ainda pior do que poderíamos imaginar.

Tento impedir a Zelda de ver o sangue.

Tarde demais.

Ela está a olhar fixamente, de boca aberta e olhos arregalados.

Tapo-lhe a boca com a mão, para o caso de ela fazer algum barulho e os assassinos ainda andarem ali perto.

Tarde demais.

Ela começa a soluçar ruidosamente.

Mesmo por baixo de nós, na encosta, vários soldados nazis levantam-se de um salto sobre a erva alta. Olham para o cimo da colina, diretamente para nós. Deitam fora os cigarros e gritam na nossa direção.

Sei que devo puxar a Zelda para o arvoredo, para nos escondermos, mas não consigo mexer-me.

As minhas pernas estão em estado de choque.

Os soldados nazis pegam nas metralhadoras.

## 2

**A seguir**, os soldados nazis começam a disparar contra nós e, de repente, já consigo mexer-me outra vez.

E pensar.

Agarrar a Zelda.

Fugir.

Esconder.

As balas acertam nos troncos das árvores à nossa volta. Bocados de cascas de árvore voam e acertam-nos na cara.

Viramo-nos e corremos de volta para dentro da floresta, saltando por cima de troncos, indo contra arbustos, desviando-nos de espinheiros, escorregando em ervas emaranhadas, trepando a rochedos.

Tento não pensar nos pobres pés da Zelda, com os seus chinelos de quarto, ou nas pobres crianças mortas dentro da cova.

Esconder.

— Ali — digo à Zelda. — Naquele grande monte de arbustos.

Enfiamo-nos debaixo dos ramos com espinhos e através de espessas camadas de hera. Com as mãos, escavo a camada de folhas do ano passado, que estão húmidas e moles e até um pouco quentes, mais lá no fundo.

A Zelda também escava e não se queixa uma única vez do dedo magoado.

Não paramos até termos conseguido fazer um lugar secreto, escuro e silencioso, onde nos metemos, a tremer e de ouvidos atentos.

A Zelda dá-me a mão.

Consigo ouvir soldados nazis a gritar. As suas botas martelam o chão enquanto eles correm pela floresta, à nossa procura. Ouvem-se cães nazis a ladrar.

Sabem quando estamos a viver numa cave secreta no gueto da cidade com uma data de outros miúdos, e todos juntos fazemos uma tenda com os nossos casacos e metemo-nos lá dentro e tentamos sentir-nos seguros e aconchegados, mesmo sabendo que as ruas lá fora estão cheias de nazis?

É isso que eu e a Zelda estamos a fazer neste buraco, só que já não temos os nossos casacos.

Também já não temos os nossos amigos da cave. Rezo uma oração silenciosa à Richmal Crompton. Peço-lhe que proteja os nossos amigos que ainda estão naquele horrível comboio. Por favor, não deixes que acabem também numa cova.

De repente, pensar neles faz-me já não ter vontade de estar aconchegado e seguro neste buraco.

Apetece-me saltar lá para fora e arranjar um pau afiado e pregar um susto àqueles nazis e esfaqueá-los centenas

de vezes até terem as entranhas de fora e suplicarem por piedade e prometerem nunca mais matarem pessoas. Mas eu não teria piedade, continuaria a apunhalá-los e a apunhalá-los e...

— Estás a magoar-me — sussurra a Zelda.

Apercebo-me de que estou a apertar-lhe a mão com demasiada força.

— Desculpa — digo, largando-a.

Não lhe conto em que estava a pensar. Ela já viu suficiente morte e violência hoje, sem eu estar a falar mais nisso.

Sinto vergonha e afasto os pensamentos de raiva para longe.

A Zelda dá-me a mão outra vez.

— Não faz mal — diz ela. — Eu também estou com medo.

À distância, os soldados continuam a gritar. Não percebo alemão, mas não é preciso percebermos as palavras para sabermos quando alguém quer matar-nos.

— Não te preocupes — sussurro à Zelda. — Os nazis não vão encontrar-nos.

Espero ter razão.

Não vejo a Zelda naquela obscuridade, mas sei que ela está a pensar nalguma coisa. Percebo pela sua respiração pesada no meu ouvido.

— Felix — diz ela, finalmente. — Aquelas crianças que foram mortas. Onde estão as suas mães e papás?

Tenho de esperar um bocadinho antes de responder, porque só o pensar naqueles miúdos perturba-me e dá-me

vontade de chorar. Tento imaginá-los cobertos de arbustos e de flores selvagens, mas não ajuda.

— Não sei — digo baixinho. — Não sei onde estão as suas mães e papás.

É a verdade. Podem estar mortos com tiros, como os pais da Zelda, ou podem ter sido enviados para um campo de morte, como os meus, ou podem estar vivos e terem acabado de descobrir o que fizeram aos seus filhos.

Não digo estas coisas em voz alta. A Zelda ainda está a tremer e não quero perturbá-la ainda mais.

— Foram uns nazis que mataram aquelas crianças? — pergunta ela.

Volto a hesitar.

Sei porque é que ela está a perguntar.

— Provavelmente — respondo. — Mas não temos a certeza. Na verdade, não os vimos.

A respiração da Zelda torna-se ainda mais pesada e eu percebo que ela sabe que foram eles.

— Odeio nazis — diz ela.

Pobrezinha. Deve sentir-se mesmo mal. Os pais dela eram nazis e foram mortos pela Resistência polaca. Vi a fotografia do pai dela com um uniforme nazi, num fio que ela trazia ao pescoço. Quando penso que os meus pais morreram, ao menos sei que eram judeus e inocentes. A pobre Zelda tem de pensar que os pais faziam parte de um gangue de assassinos brutais.

— Os teus papás amavam-te muito — digo-lhe delicadamente. — Tenta lembrar-te disso.

— Não consigo — diz a Zelda.

— Tenta pensar em momentos felizes que tenhas tido com eles — sugiro.

É o que eu faço quando me sinto triste por causa dos meus pais, mas nem sempre funciona.

— Quando eu era pequena — diz a Zelda —, tínhamos galinhas. Não eram galinhas nazis, eram galinhas boas.

E começa a chorar.

Tento pensar noutra coisa para dizer. Algo que ajude a Zelda a ter memórias felizes dos pais. Mas não consigo pensar em nada.

— Quem me dera ser pequena agora — soluça ela.

Pobrezinha. Deve ser terrível não ter uma família quando se tem só 6 anos. Já é mau que chegue quando se tem a minha idade.

— Felix — diz ela, quando acaba de chorar —, vais ser sempre a minha família?

— Sim — respondo.

— E vais ficar comigo para sempre e sempre? — pergunta ela.

Fico a pensar. Lembro-me que os pais prometeram vir buscar-me um dia e nunca vieram. Mas eu sei que eles queriam ter ido. Essa é a parte importante de uma promessa. É querermos cumpri-la.

— Prometo — respondo-lhe.

— Eu também prometo — diz a Zelda.

Enrosca-se em mim.

Tento ouvir outra vez os soldados.

Nada, só insetos da floresta e vento nas árvores. Mas os nazis podem ainda não ter ido embora. Podem ter voltado



para o pé da cova, a fumar mais cigarros e a tapar as crianças com lixo.

— Acho que devíamos ficar aqui escondidos até de manhã — digo à Zelda.

— Está bem — diz ela.

— Não temos jantar. Desculpa.

Não há sementes debaixo deste arbusto, só folhas velhas. Não nos atrevemos a comê-las porque podem ter bolor e depois o bolor vai-nos para o cérebro e faz-nos pensar que somos cantores de ópera. Já o vi acontecer.

— Não faz mal — diz a Zelda, baixinho. — Não tenho fome.

Eu sei que ela tem, porque eu também tenho.

Abraço-a com mais força. Às vezes, o amor da nossa família pode fazer com que a barriga não nos doa tanto.

— Tenta dormir — sussurro à Zelda.

— Conta-me uma história — diz ela. — Uma em que ninguém morra.

Conto-lhe a história de duas crianças, chamadas Felix e Zelda, que se encontram com outras duas crianças, chamadas William e Violet Elizabeth. Vivem os quatro juntos, com algumas galinhas muito amigas que lhes dão muitos ovos para comerem. Para agradecer às galinhas, o Felix e a Zelda inventam uma máquina que alimenta as galinhas automaticamente.

— Isso é palerma — murmura a Zelda. — As máquinas não podem alimentar galinhas.

— É no futuro — respondo. — 1965.

— Ah, está bem — diz a Zelda.

A Richmal Crompton não situa as histórias do William no futuro, mas tenho a certeza de que não se importaria.

O som do vento nas árvores está a ficar mais alto e o ar está mais frio. Puxo mais folhas para cima da Zelda, cuidadosamente, para a manter quente.

— Mais história, por favor — murmura ela.

— Uma das galinhas apaixonou-se pela Zelda — continuo. — Quer ser a sua mascote. Chama-se *Hubert*.

— Não sabes nada? — diz a Zelda, sonolenta. — A minha galinha mascote chamava-se *Goebbels*.

— Desculpa — digo.

Conto a parte seguinte da história, em que a *Goebbels* faz malabarismo com ovos.

Finamente, a respiração pausada da Zelda mostra que ela já está a dormir.

Também me apetecia adormecer, mas não posso. Há insetos muito ocupados nas folhas e fazem comichão.

O meu cérebro também está ocupado, pensando no que vamos fazer a seguir. Se não arranjarmos comida em breve, estamos em grandes sarilhos. Não há muitas vantagens em estarmos aconchegados e seguros num buraco secreto se estivermos mortos.

Precisamos de um esconderijo seguro que tenha comida.

O único lugar seguro que conheço, em toda a Polónia, que, sem dúvida, tem comida, é o orfanato católico onde os pais me esconderam. Mas fica a centenas de quilómetros daqui. Teríamos de passar por um milhão de nazis até conseguirmos encontrá-lo.

Os chinelos de quarto da Zelda não durariam tanto.  
Nem as nossas barrigas.

Tem de ser um sítio perto.

O que quer dizer que terei de pedir ajuda a um adulto.

Mas, hoje em dia, pedir ajuda pode ser arriscado.  
Muitos adultos não são lá muito bons a ouvir crianças,  
especialmente se estiverem a disparar contra elas.



Livros que te surpreendem pela história,  
que te atraem pela imagem,  
que te encantam pela mensagem,  
que se distinguem como estrelas brilhantes.

## LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



«Esta história é a minha imaginação a tentar alcançar  
o inimaginável.»

Felix e Zelda são duas crianças polacas que ficaram órfãs e que estão agora a fugir dos nazis. Mas quanto tempo conseguirão manter-se escondidas e a salvo? Felix define os seus planos: manter-se vivo, proteger a sua melhor amiga Zelda e... encontrar novos pais.

Já cansados de correr pela floresta fora, e desesperados de medo, fome e sede, Felix e Zelda encontram Genia, uma mulher generosa que lhes dá abrigo, mesmo conhecendo o risco que corre ao esconder judeus em sua casa.

Genia, o cão *Leopoldo* e o porco *Trotsky* fazem com que estes dois pobres órfãos consigam sentir um pouco da alegria que tinham antes de as suas famílias morrerem às mãos dos nazis. Mas Felix sabe que o facto de ser judeu põe em risco todos os que estiverem consigo. Só lhe resta fugir, para os manter em segurança.

**Esta é uma história admirável  
sobre o melhor e o pior  
da humanidade  
em tempo de guerra.**

Do mesmo autor:



 imagina descobre voa 20 20 editora	ISBN 978-989-707-647-3  13+ 9 789897 076473 Literatura Juvenil
--	---